

A percepção de um grupo de professoras sobre a participação das crianças em uma escola de Educação Infantil

Teachers perception of children's participation in an Early Childhood Education school

Cláudia Inês Horn¹
Jacqueline Silva da Silva²
Lara Brum Ramalho³

Resumo

Este artigo decorre da pesquisa institucional “O ensinar da infância à idade adulta: olhares de professores e alunos” e apresenta um recorte da pesquisa intitulada “A representação do olhar da criança sobre a Escola de Educação Infantil”, subsidiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - FAPERGS. Os objetivos centrais foram investigar a representação do olhar da criança sobre a escola, bem como aprimorar o cotidiano de uma escola de Educação Infantil da rede pública de ensino do município de Lajeado/RS. O recorte apresentado neste texto contempla a análise das entrevistas realizadas com as professoras que exercem a sua docência junto à escola lócus da pesquisa. Ao escutar o que elas têm a dizer sobre a participação das crianças no cotidiano da Escola de Educação Infantil, percebe-se que uma postura sensível potencializa as práticas docentes, uma vez que possibilita planejar e criar situações de aprendizagem “para” e “com” as crianças. Tal participação pode contribuir para o aperfeiçoamento da proposta pedagógica, trazendo à tona discussões que muitas vezes passam despercebidas numa visão de mundo unicamente adultocêntrica.

Palavras-chave: Educação Infantil; Professores; Participação das crianças.

Abstract

This article comes from the institutional research "Teaching from childhood to adulthood: perspectives of teachers and students" and presents a part of the research entitled "The representation of the child's view on the Early Childhood Education School", funded by the Research Support Foundation of the state of Rio Grande do Sul. Its main objectives were to investigate the representation of the child's view on the Early Childhood Education school, as well as to improve the daily life of a public school in the city of Lajeado/RS. This text includes

¹ Doutora em Educação pela Universidade do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora e pesquisadora da Universidade do Vale do Taquari (Univates). Líder do GT3 Participação das crianças no cotidiano da Escola de Educação Infantil e da Cidade, subsidiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e vinculado à Pesquisa Institucional “O ensinar da infância à idade adulta: olhares de professores e alunos”. E-mail: cihorn@univates.br.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora e pesquisadora da Universidade do Vale do Taquari (Univates). Líder do GT3 Participação das crianças no cotidiano da Escola de Educação Infantil e da Cidade, subsidiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e vinculado à Pesquisa Institucional “O ensinar da infância à idade adulta: olhares de professores e alunos”. E-mail: jacqeh@univates.br.

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Taquari (Univates) Professora no Colégio Curupira no município de Garopaba/SC. Pesquisadora voluntária do GT3 Participação das crianças no cotidiano da Escola de Educação Infantil e da Cidade, subsidiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e vinculado à pesquisa institucional “O ensinar da infância à idade adulta: olhares de professores e alunos”. E-mail: lara.ramalho@universo.univates.br.

the analysis of the interviews with teachers who work at the school where the research was carried out. By listening to what they have to say about the participation of children in the daily routine of the school, it can be noticed that a sensitive posture enhances the teaching practice since it allows planning and creating learning situations "for" and "with" the children. Such participation can contribute to the improvement of the pedagogical proposal, bringing to light discussions that often go unnoticed in a solely adult-centric worldview.

Keywords: Preschool education; Teachers; Children's participation.

1. Introdução

O presente artigo decorre da pesquisa institucional “O ensinar da infância à idade adulta: olhares de professores e alunos”. Ele apresenta um recorte da pesquisa intitulada “A representação do olhar da criança sobre a Escola de Educação Infantil”, subsidiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), e tem como objetivos centrais investigar a representação do olhar da criança sobre a escola de Educação Infantil e aprimorar o cotidiano de uma escola de Educação Infantil da rede pública de ensino do município de Lajeado/RS.

Para alcançar os objetivos propostos, foram selecionados alguns instrumentos para coleta de dados, tais como: grupo focal e entrevistas individuais com as professoras; fotografias e desenhos feitos pelas próprias crianças; e rodas de conversa entre as crianças e as professoras. Estes instrumentos visaram a agrupar materiais produzidos pelos sujeitos da pesquisa. Na escola parceira, três turmas de pré-escola foram selecionadas para envolvimento na pesquisa: a Turma C, envolvendo uma professora e crianças entre 3 e 4 anos de idade; a Turma D, com uma professora e crianças entre 4 e 5 anos de idade; e a Turma E, com uma professora e crianças entre 5 e 6 anos de idade.

O propósito deste artigo é apresentar análises a partir das entrevistas realizadas com as professoras⁴ participantes da pesquisa. Para tanto, o texto está estruturado da seguinte forma: na primeira seção comentamos a respeito das novas formas de compreender as crianças na atualidade de maneira a elucidar e fortalecer a importância da participação delas no cotidiano da Educação Infantil. Na segunda seção, ao defender a importância de desenvolver pesquisa com crianças, apresentamos alguns construtos metodológicos utilizados para desenvolver a atual pesquisa. Junto a isso, discorreremos sobre os nossos próprios procedimentos

⁴ Utilizamos as expressões “professora” e, mais adiante, “Coordenadora Pedagógica” sempre escritas no gênero feminino devido ao fato de que a nossa pesquisa incluiu somente profissionais do sexo feminino.

metodológicos. Na terceira seção, apresentamos as análises a respeito das entrevistas realizadas com professoras e a Coordenadora Pedagógica, tecendo considerações que nos ajudam a pensar sobre as possibilidades de garantir o direito de participação das crianças nos contextos da Escola de Educação Infantil.

2. A participação das crianças nos contextos escolares de Educação Infantil: questões para debate

Nesta seção, desejamos retomar alguns debates que vêm sendo visibilizados acerca das crianças na atualidade, resgatando alguns autores e suas ideias centrais, a fim de mostrar em que campo discursivo inserimos a participação das crianças, especialmente nos contextos escolares de Educação Infantil. Ao desenvolver tal exercício de pensamento, almejamos mostrar por que defendemos uma participação mais efetiva e ética das crianças nas questões que lhe dizem respeito.

Sabemos que a criança, desde muito cedo, além do convívio familiar, frequenta e ocupa diferentes espaços coletivos e sociais, sendo um deles a escola de Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica. Nesses locais, costumeiramente controlados pelos adultos e, conseqüentemente pensados por eles para as crianças, organizam-se os momentos da rotina, passando por práticas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras, inclusive envolvendo o brincar. Assim, esse “para elas” constitui o cotidiano da escola no qual, dentro de um sistema programado, afloram atividades repetitivas, rotineiras e triviais, que podem não levar em consideração os interesses e as necessidades das crianças que nessa escola habitam e que, também, passam em torno de 12 (doze) horas diárias sob seus cuidados.

Neste sentido, Sacristán (2005) nos aponta que, durante o século XX, foi naturalizada a imagem das crianças excessivamente escolarizadas, com percursos organizados pelos adultos. Segundo o autor, a concepção de aluno como a entendemos hoje, com seu papel e status específico na relação com a instituição escolar, é uma construção social que emergiu com o desenvolvimento do sistema educacional moderno. Além disso, é interessante observar que essa configuração também se aplica à Educação Infantil, pois mesmo nesta fase, as crianças são percebidas predominantemente como estudantes, ou seja, como sujeitos que são preparados para encaixarem-se na futura lógica do sistema educacional formal.

Essa concepção, desde a mais tenra idade, pode limitar as possibilidades de desenvolvimento e aprendizado infantil a partir do momento em que o foco recai exclusivamente neste papel, pois pode-se negligenciar outras dimensões importantes do desenvolvimento infantil, como a curiosidade natural, a criatividade e a brincadeira, que desempenham um papel fundamental na formação de habilidades e conhecimentos. Além disso, Sarmiento (2004, p. 1) nos alerta que “no discurso corrente sobre a cidadania, permanecem ainda as fórmulas tradicionais e princípios clássicos que restringe a cidadania à idade adulta”.

Borba (2006) nos ajuda a examinar melhor essas premissas quando defende que é necessário romper a visão reducionista da criança como um ser em devir que futuramente se tornará um adulto, com a noção de que a criança é considerada “pelo que não é e pelo que lhe falta em relação ao adulto-in-competente, i-matura, i-racional” (Borba, 2006, p. 01). A citação de Borba nos convida a refletir sobre a visão que temos das crianças e como isso pode influenciar a forma como as tratamos e as educamos. A visão reducionista pode levar a uma concepção de que a criança é inferior ao adulto, e, por isso, precisa ser moldada e preparada para o futuro. Nesse sentido, a antropóloga Cohn (2005, p. 33) enfatiza que “a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa”. Desse modo, os significados elaborados pelas crianças são diferentes dos adultos, mas nem por isso são errôneos ou inferiores.

Dessa maneira, Sarmiento (2004) defende que a participação das crianças na Educação Infantil pode contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva, pois ao dar voz às crianças e permitir que elas expressem suas opiniões e pontos de vista, é possível promover a tolerância e o respeito pelas diferenças. O autor destaca que a participação das crianças deve ser entendida como um direito fundamental, previsto em diversos documentos internacionais, como, por exemplo, na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (2004).

É imprescindível considerar que a participação no contexto educativo contribui para a construção de relações democráticas e igualitárias, pois não se trata de uma simples opção pedagógica, mas um imperativo de cidadania (Sarmiento, 2003). No entanto, o que vemos hoje é uma escola que construiu uma maneira específica de olhar para as crianças, a qual precisa ser objeto de reflexão. Diante do exposto, precisa-se pensar em uma escola de Educação Infantil que reconheça a criança como

ator social e isso implica em reconhecê-la como um sujeito atuante, mais produtor do que receptor de cultura. Esse reconhecimento nos faz refletir que elas, juntamente aos adultos, estão imbricadas na construção social, compartilhando responsabilidades, saberes, necessidades, interesses com seus pares e com os próprios adultos (Sarmiento, 2008).

Deste modo, se faz necessário permitir a experiência de abrir mão de um cotidiano de rotinas pré-estabelecidas e de controle, para permitir “um dia a dia onde há possibilidade de encontrar o inesperado, onde há margem para a inovação, onde se pode alcançar o extraordinário do ordinário” (Barbosa, 2006, p. 37). Segundo o que a autora propõe, é possível concluir que o cotidiano é a vida que acontece na escola de Educação Infantil, a qual faz parte de tudo o que perpassa a estrutura da rotina, pois a partir do momento que se flexibiliza esta rotina, torna-se possível o encontro com o inesperado.

Para que isto ocorra, supõe-se ser inevitável levar em conta interesses e necessidades das crianças, buscando conhecer o que elas gostam de realizar, quais os espaços que mais frequentam, quais os brinquedos e materiais que procuram, quais as situações de aprendizagem em que mais se envolvem, enfim, quais são as vivências que lhes proporcionam aprendizagens realmente significativas. Em outras palavras, é muito importante considerar os saberes das crianças ao compor o currículo, o planejamento, a rotina e a prática pedagógica na Educação Infantil (Horn, 2012). Para que isso ocorra, é preciso haver escuta e diálogo com as crianças, permitindo que elas expressem suas ideias, desejos e necessidades. Ouvir as crianças é a condição para considerar suas perspectivas e inseri-las no plano de ação cotidiano (Barbosa, 2006).

Isto quer dizer que esse conhecimento se amplia na medida em que passamos a ouvi-las e, nessa perspectiva, Silva corrobora dizendo que “a escuta é vista como um processo permanente que alimenta a reflexão, o acolhimento e a abertura ao outro, condição indispensável ao diálogo e à troca” (Silva, 2011, p.25). Ao trilhar este caminho, reconhece-se que as crianças são capazes para auxiliar-nos em prol da construção de uma escola de Educação Infantil que seja “delas”, moldada a partir de suas ideias, sugestões, incertezas, observações e problemas enfrentados.

Como pesquisadores, percebemos que no campo da educação no Brasil, especialmente em relação à Educação Infantil, ao longo das últimas décadas, houve

um aumento significativo de estudos sobre crianças e suas experiências no ambiente educacional. Estes estudos refletem as mudanças mencionadas anteriormente, nas políticas públicas para a infância e que resultaram na expansão da cobertura do atendimento educacional para crianças de 0 a 5 anos, ao reconhecer a importância dos primeiros anos de vida na formação do desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Essa expansão tem sido vista como um espaço para investigar as relações entre as crianças e entre elas e os adultos. Além disso, há um movimento nas ciências sociais que valoriza a expressão dos diferentes sujeitos sociais como condição para entender efetivamente a vida social e as experiências individuais e coletivas.

Com pesquisas orientadas por referencial sociológico, os estudos sobre educação infantil no Brasil têm se concentrado em diversos aspectos e nos diferentes atores e pontos de vista sobre as experiências no ambiente de cuidado e educação de crianças de 0 a 5 anos. A consideração das crianças como atores sociais é resultado de processos sociais de transformação das formas de compreensão das crianças e da infância, bem como do desejo de superar as condições de invisibilidade das crianças como atores sociais (Sarmiento, 2008).

Nesse sentido, consideramos de extrema importância que as professoras garantam que as crianças tenham voz ativa em todas as etapas do processo educativo, cuidando para criar um ambiente acolhedor e inclusivo, que valorize a diversidade e respeite as diferenças individuais de cada criança. Estas ações irão favorecer a possibilidade de “uma utopia coletivamente construída, onde se resgate a intensidade do olhar da infância, para com ele construir uma visão renovada da sociedade” (Sarmiento, 2004, p. 03). Ainda, a participação das crianças deve ser entendida como um processo democrático, que valoriza a cooperação e o diálogo entre todos os envolvidos na educação infantil. Precisamos superar estes estereótipos e como já mencionado anteriormente, ao dar voz e espaço de fato para as crianças, reconhecendo-as como sujeitos de direitos verdadeiramente e não apenas como objetos de proteção.

Entendemos ser fundamental a criação de espaços e oportunidades para que as crianças possam, mais do que se expressar e participar da vida escolar, ser compreendidas como seres humanos, como “recém-chegados” (Arendt, 2000) ao mundo, capazes de transformar e ser transformados pela educação e pelo ambiente

educativo. Atitudes como estas requerem ir além de fazer mudanças nas práticas pedagógicas e nas estruturas das instituições de Educação Infantil, pois envolvem uma compreensão profunda das crianças, tal como aponta Arendt (2000):

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças o bastante para não expulsá-las do nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

O que se busca aqui, em resumo, a partir do olhar das crianças, é problematizar as formas com as quais nós, adultos, oportunizamos a sua participação nos contextos escolares da educação Infantil. Para tanto, apresentamos a seguir os caminhos metodológicos da pesquisa para, então, contemplar as falas e depoimentos das professoras participantes da pesquisa, no que diz respeito aos desafios e possibilidades da participação infantil.

3. Caminhos metodológicos da pesquisa: reverberando a participação das crianças na escola da Educação Infantil

O caráter subjetivo da pesquisa apresentada neste recorte nos remete à necessidade de um estudo de abordagem qualitativa. Essa abordagem de pesquisa possibilita ao investigador a descrição do fenômeno tal como ele se apresenta em toda a sua complexidade e em seu contexto natural. A pesquisa se caracteriza como de campo, uma vez que teve como objetivo buscar informações diretamente com os sujeitos investigados. Esse tipo de pesquisa exige do pesquisador um encontro mais direto com os sujeitos, fazendo com que ele vá ao espaço onde o fenômeno ocorre para reunir informações a serem documentadas (Gonsalves, 2001).

Como já mencionamos anteriormente, os objetivos centrais da pesquisa em questão, é investigar a representação do olhar da criança sobre a escola de Educação Infantil, bem como aprimorar o cotidiano de uma escola de Educação Infantil, da rede pública de ensino do município de Lajeado/RS. Para alcançar o objetivo proposto, foram selecionados alguns instrumentos para coleta de dados, tais como: grupo focal e entrevistas individuais com professoras; fotografias e desenhos feitos pelas próprias crianças; e rodas de conversa entre crianças e professoras. Tais instrumentos foram

planejados e operacionalizados ao longo dos anos letivos de 2021, 2022 e meados de 2023, visando agrupar um conjunto de materiais analíticos que emergiram tanto da participação das professoras, quanto das crianças que compõem os sujeitos da pesquisa, oriundos de uma escola de Educação Infantil da Rede Municipal de Lajeado/RS. Na escola parceira, três turmas de pré-escola foram selecionadas para envolvimento na pesquisa: (1) a Turma C, envolvendo uma professora e crianças entre 3 e 4 anos de idade; (2) a Turma D, com uma professora e crianças entre 4 e 5 anos de idade; e (3) a Turma E, com uma professora e crianças entre 5 e 6 anos de idade.

Para cumprir os objetivos centrais da pesquisa, o primeiro instrumento de coleta de dados realizado em meados de 2021 foi o grupo focal com as professoras participantes da pesquisa. O processo foi desenvolvido em seis encontros e, em função dos protocolos da pandemia, foram realizados de modo virtualizado, por meio de videoconferência pela plataforma Google Meet. O objetivo foi conhecer como tais profissionais consideram a participação das crianças no cotidiano da Educação Infantil. Atrelado aos encontros, as professoras realizaram uma constante autoavaliação sobre a sua prática pedagógica junto às crianças através do registro em um diário, denominado pelos pesquisadores, “reflexivo”.

No ano de 2022, depois do retorno às aulas presenciais, iniciou-se a pesquisa com as crianças. Ela foi realizada por meio de rodas de conversas, filmagens, fotografias e desenhos com o objetivo de escutar as crianças a respeito daquilo que elas têm a nos comunicar sobre o cotidiano escolar e exercitar a percepção do olhar da criança sobre este cotidiano. Por conta do acesso restrito presencial, devido a pandemia do COVID-19, as ações “com” as crianças não foram realizadas pelos pesquisadores e, sim, pelas próprias professoras da escola parceira. Assim, nós pesquisadores, recebemos o material gerado pelas professoras titulares de cada turma. Por último, foram feitas entrevistas individuais com as professoras das três turmas de crianças, com o objetivo de investigar como estão percebendo a participação das crianças no cotidiano da escola de Educação Infantil. Consideramos também importante entrevistar a Coordenadora Pedagógica da escola parceira, pelo seu envolvimento e acompanhamento de todas as ações da pesquisa junto às três turmas de crianças e suas respectivas professoras.

O foco do presente artigo é analisar especificamente as entrevistas realizadas com as professoras que exercem a sua docência junto da escola objeto da pesquisa, as quais foram realizadas após a conclusão dos instrumentos de coleta de dados mencionados anteriormente, pois estes instrumentos foram disparadores para a realização das entrevistas individuais. Para preservar a identidade delas, optando por identificá-las através de números. Sendo assim, segue abaixo a relação das professoras e suas respectivas turmas:

- Professora 1 - Turma C: faixa etária de 3 a 4 anos
- Professora 2 - Turma D: faixa etária de 4 a 5 anos
- Professora 3 - Turma E: faixa etária de 5 a 6 anos
- Professora 4 - Coordenadora Pedagógica

As entrevistas, com questões semiestruturadas, foram realizadas pelos pesquisadores nas dependências da escola de educação Infantil, em dias e horários previamente agendados com a Coordenadora Pedagógica. O objetivo da conversa era verificar como as mesmas estavam propiciando a participação das crianças no que se refere ao cotidiano da escola em que habitam, mapeando desafios, dificuldades e potencialidades. Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido afirmando estarem de acordo em participar do estudo e do registro das entrevistas por meio de gravação de áudio. As entrevistas foram realizadas de forma individual, gravadas e transcritas. Como técnica para a análise das informações coletadas, fizemos uso - através de uma aproximação - da técnica da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2012). Essa técnica aplica-se, de modo especial, ao exame de documentos escritos, visuais e de comunicação oral, como os extraídos das gravações das entrevistas individuais com as professoras, com a finalidade de uma análise/leitura crítica e aprofundada, levando à descrição e à interpretação dos materiais extraídos do campo, e às inferências sobre suas condições de produção e recepção.

O material foi transcrito e analisado pelo grupo de pesquisa com objetivo de identificar e agrupar unidades de significado e construir as categorias de análise, de acordo com a técnica de análise de conteúdo mencionada. Após esse momento, os pesquisadores realizaram uma nova leitura, com um olhar mais voltado para a distribuição das falas e diferentes perspectivas trazidas pelas professoras, os

diferentes aspectos encontrados nas entrevistas foram sublinhados com marcações de diferentes cores e posteriormente organizados. Com base nos conteúdos mais significativos, emergiram cinco categorias que contemplavam as entrevistas como um todo. São elas:

- Categoria 1: questão financeira da escola;
- Categoria 2: ambiente interno e externo da escola;
- Categoria 3: interesse das crianças para com as atividades propostas;
- Categoria 4: cooperação das outras professoras frente à inovação das tarefas e
- Categoria 5: participação das crianças em cada atividade e o que os mesmos sugeriram em relação às mudanças a serem feitas no ambiente escolar e no cotidiano do grupo.

A seguir, apresentamos a análise dos dados até então desenvolvida nesta etapa da pesquisa, tendo como foco, especialmente as categorias 3, 4 e 5.

4. “Vamos ouvir o que realmente as crianças estão dizendo”: como fazer emergir a participação das crianças na escola de Educação Infantil?

Parte do título desta seção “Vamos ouvir o que realmente as crianças estão dizendo” demonstra algumas das expectativas da equipe docente da escola investigada e suas reflexões sobre “como, de fato, vamos ouvir e considerar o que as crianças dizem?”. Para dar visibilidade a essas reflexões, apresentamos alguns resultados da pesquisa a partir da análise das entrevistas com as participantes da pesquisa. É importante registrar que a transcrição das entrevistas e a análise desenvolvida, nos permitem inferir que as professoras procuram promover a participação das crianças por meio da articulação entre uma escuta atenta àquilo que é manifestado no cotidiano escolar, com os registros e propostas que emergem deste movimento de escuta das crianças.

Inicialmente, destaca-se que as professoras da escola parceira descreveram diferentes visões a respeito do que vem a ser a participação das crianças na Educação Infantil. No entanto, elas são complementares, pois todas envolvem uma escuta ativa por parte do adulto. Por exemplo, a professora 1 acredita que promover a participação é permitir que a criança demonstre o que ela sabe com as suas vivências, e a professora 2 que acredita que a participação é tudo o que eles fazem através dos

relatos e dos desenhos. A professora 3 associa a participação a uma construção da oralidade e a desinibição que eles vão desenvolvendo, aliada a aspectos como respeito e escuta. A partir destes pontos de vista, pode-se dizer que, ao considerar as necessidades demonstradas pelas crianças, o adulto pode auxiliá-las a desenvolver suas habilidades, considerando a participação da própria criança no seu aprendizado. Veja os relatos das professoras:

Acredito que participação é deixar a criança expor o que ela já vivenciou fora da escola, ali no ambiente da escola. (Professora 1)

Acho que é tudo o que trazem nos relatos e nos desenhos. É tudo que elas sugerem, é tudo que elas fazem. (Professora 2)

A professora tem que ter esse olhar atento, tem que ter uma escuta atenta, pois a fala da criança é importante. Olha a autoria que elas estão tendo e também aquela questão da oralidade, desinibição, vários outros aspectos, respeito, escutar o colega. É uma construção permanente. (Professora 3)

Ao considerar o que as professoras dizem sobre participação, principalmente a professora 3 quando ela menciona a escuta, precisa-se fazer reverberar a ideia de que, segundo Silva (2011), a "escuta" é um processo contínuo que alimenta a reflexão, a compreensão e a disposição para se relacionar com o outro, o que é fundamental para estabelecer um diálogo frutífero e construir uma troca de ideias eficaz. A Coordenadora Pedagógica da escola tem a mesma compreensão do assunto: "Eu acho que a participação vem de dar voz para a criança, tem a ver com respeitar e dar autonomia para a criança. Ter essa participação da criança tem a ver com isso tudo". Essa abertura ao outro permite que haja uma troca, pois a escuta, ao permitir a reflexão, também possibilita o incentivo à participação das crianças, inclusive para que elas possam ter autonomia em suas decisões. A partir desses excertos das entrevistas, é possível perceber que tanto as professoras quanto a Coordenadora Pedagógica percebem a importância do exercício da escuta.

Importa mencionar que as professoras também observaram alguns aprendizados e mudanças de atitudes que as próprias crianças tiveram a partir da atividade de fotografar os ambientes da escola, como expressa a Professora 2: "o que mudou muito foi as atitudes referente aos banheiros, por verem o xixi parado, então começaram a dar mais descarga, vi que houve essa mudança de atitude de cuidar mais". No comentário acima, podemos perceber as mudanças de comportamento por parte das crianças após notarem algo que antes não haviam reparado. As professoras

entrevistadas salientaram que as crianças puderam identificar que seus atos geram consequências, não somente para elas, mas para todas as outras crianças que irão utilizar o banheiro. A fala da Professora 2 evidencia o quanto as crianças aprendem pelas suas próprias investigações, pois “todos os dias aprendemos algo, a partir daquilo que vivemos quando nos ocupamos em dar sentido ao mundo” (Barbosa, 2019, p. 20).

Durante as entrevistas, as professoras também mencionaram que apareceram sugestões de temas que interessavam as crianças a serem trabalhados em sala de aula. Estes relatos demonstram que a aprendizagem se constrói na vida cotidiana, visto que, segundo Barbosa (2019), através de uma organização, o ambiente pode educar ao trazer propostas que instigam e abrem novas possibilidades:

No meio desse projeto todo, acabavam vindo também assuntos que eles queriam trabalhar. A gente conversava sobre os espaços, então surgiu a questão dos planetas, a questão do circuito dos movimentos, surgiu a questão das letras e números que eles queriam melhorar. Eles queriam saber fazer continhas. Isso tudo veio misturado junto com esse projeto (Professora 3).

A partir do depoimento das professoras e da Coordenadora Pedagógica, percebeu-se o grande interesse das crianças em participar da atividade proposta de tirar fotografias, um dos instrumentos metodológicos da pesquisa, tal como detalhamos no artigo intitulado “A fotografia como ferramenta metodológica na pesquisa: o olhar da criança sobre a escola de Educação Infantil” (no prelo). As crianças interagiram com o ambiente e com os demais colegas construindo percepções e conhecimentos a respeito de si e do outro, vislumbrando diferentes pontos de vista sobre a sua escola, como podemos ver nos trechos destacados a seguir:

A turma gostou muito da atividade de tirar fotografias e usar os tablets, bem como, refletir depois ao olhar as fotografias que foram tiradas. Eu pude perceber o interesse nas crianças (Professora 2).

A turma que eu tenho esse ano é muito participativa, ela é muito especial...e quando a gente começou as atividades propostas na pesquisa foi muito bacana porque eles conseguiram entender o que era a proposta, assim eles logo trouxeram coisas bem interessantes, conseguiram pensar como poderia ser diferente e o que poderia agregar a eles esse novo espaço (Professora 3).

As professoras, durante a roda de conversa com as crianças e as entrevistas, puderam refletir sobre as perspectivas que as crianças têm acerca dos espaços da

escola e ressignificar as sugestões de melhoria e adequações. Tal como aponta Freire (2011), a participação demanda tempo e o estabelecimento de uma relação de confiança para que as crianças aprendam sobre ela e ajam em conformidade. Desse modo, a participação vai se efetivar quando “adultos e crianças se predispõem a dialogar e a ter em consideração as ideias dos diferentes intervenientes envolvidos no projecto” (Freire, 2011, p. 20), sem excluí-las usando argumentos como imaturidade ou falta de experiência.

Assim, no decorrer das atividades propostas pela pesquisa, as crianças sugeriram mudanças, sendo algumas estruturais, como, por exemplo: colocar um colchão inflável no trepa-trepa para, caso caíssem, não se machucar; colocar portas no banheiro no espaço dos vasos, e torneiras de sensor, além de um aparelho para secar a mão e mais vasos sanitários; pintar alguns brinquedos mais desgastados no pátio; colocar letras nas paredes e portas na biblioteca; colocar uma parede de escalada no pátio e até uma tirolesa; e, uma mudança da rotina, como tomar o café da manhã na sala de aula. Algumas mudanças na rotina já foram implementadas e outras encontram-se em estudo, pois dependem de planejamento e verbas para a sua implementação.

As crianças se envolveram verdadeiramente e trouxeram diversas ideias válidas, como uma ideia relacionada a amarrar cordas no trepa-trepa [...] eu planejei uma atividade de contexto com bambolês, foi uma forma de fazer uma coisa diferente pensando no que eles trouxeram (Professora 2).

Eles queriam portas no banheiro ali no espaço dos vasos, queriam torneiras de apertar e aquela de passar a mão embaixo, pediram aquele aparelho para secar a mão e mais vasos, coisas práticas da funcionalidade mesmo sabe, foi muito bacana [...]. Surgiram coisas minuciosas deles também, no pátio por exemplo, poderia estar melhor pintado, eles queriam aquelas paredes de escalada no pátio. A gente até disse que tem esse projeto para o próximo ano. Da minha roda de conversa saiu até que eles querem uma tirolesa [...]. A partir de uma conversa, eles fizeram o pedido de tomar café na sala. A gente começou a tomar café na sala, pelo menos uma vez na semana (Professora 3).

Importante mencionar que, a partir do que as crianças apresentaram nos seus relatos, uma das professoras procurou elucidar situações de aprendizagens diferentes nos momentos de pátio, como a utilização de bambolês e que acabou reverberando para as demais turmas da escola. Dar espaço e reconhecimento à voz das crianças na educação infantil implica em permitir que elas sejam protagonistas e tenham

visibilidade, tendo a oportunidade de contribuir como autores no desenvolvimento de atividades educacionais, tanto no processo de ensino quanto de aprendizagem. Isso quer dizer que durante a realização do projeto de pesquisa, a voz das crianças foram as molas propulsoras que possibilitaram emergir novas propostas como o café na sala e a atividade com bambolês. Através desta proposta, as crianças tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões, propor ideias e participar das atividades e decisões que envolvem seu cotidiano escolar. Neste sentido, Agostinho (2009) aponta que a participação das crianças

[...] implica em que possam expressar livremente opiniões, pensamentos, sentimentos e necessidades, e que os pontos de vista por elas expressos devem ser levados em conta e influir nas decisões. Tal fato significa que as crianças precisam ser envolvidas democraticamente nos seus espaços de convívio – famílias, escolas, mídias, associações, governos, etc. – e que suas opiniões exerçam uma ação influente (Agostinho, 2009, p. 7).

Ao entender que as crianças têm habilidades que lhes permitem contribuir de maneira inovadora para o melhoramento dos espaços em que circulam e em que vivem, é possível dar-lhes voz. Também foi muito importante a maneira como as professoras perceberam e entenderam as necessidades expressadas pelas crianças propiciando assim “que as crianças possam viver plenamente sua infância sem imposição de modos ritualísticos inflexíveis, tais como os cristalizados nas rotinas domésticas, escolares ou hospitalares” (Cerisara, 2004, p. 36-37). Assim, as pequenas mudanças realizadas na rotina das crianças demonstraram que elas foram ouvidas e que a sua participação importa no planejamento das rotinas daquela escola, isto porque a

[...] participação deve ser uma ação dotada de sentido para o sujeito, e que tenha implicações; implicações em termo de transformação social. Não precisa mudar o mundo, nem o país, nem o bairro, podem ser mudanças pontuais no próprio sujeito, no próprio grupo, mas esse sujeito tem que sentir que aquela ação intencional que ele desencadeia é acolhida num determinado coletivo, e depois de ter sido acolhida, que tem impacto ou não (Fernandes, 2016, p. 188).

Contudo, ao mesmo tempo que houve um desejo de trazer as crianças mais próximas e torná-las mais participativas, também houve uma inquietude sinalizada pelo excesso de algumas atividades burocráticas, que as professoras precisam desenvolver nas escolas e que, talvez, impeçam tempos e espaços de estarem próximas às crianças. Nesse sentido, as professoras participantes da pesquisa

acreditam que isso aconteça em função da necessidade do cumprimento da entrega dos registros mensais, não sobrando tempo para o planejamento de situações diferenciadas.

Acredito que as professoras não se liberam para talvez explorar outras coisas, até porque temos datas para entregar relatórios, então a professora acaba só pensando naquilo e não tem tempo hábil para planejar outras coisas (Professora 1).

Em alguns momentos, eu percebi minhas colegas guardando os recursos que eu montei, pois estavam preocupadas com relatórios e registros para entregar. Então nem sempre o que fazemos, agrada a todos (Professora 2).

Entende-se que a rotina contínua do dia a dia e as demandas no âmbito escolar acabam dificultando a organização das professoras, obstaculizando a troca de experiências e a oportunidade de estar mais próximas às crianças. Apesar de algumas professoras, juntamente às crianças, apresentarem interesse naquilo que os colegas estavam fazendo, nem todas as atividades propostas para as turmas participantes da pesquisa, reverberaram dentro da escola. Em outro depoimento, foi mencionado que a proposta pode não atender o perfil das outras turmas, conforme manifestou a Professora 2: “Acredito que a atividade proposta se tornou algo muito particular da nossa turma e cada professora trabalha do seu jeito”. Além disso, a Professora 3 complementa que as professoras da escola estavam centradas em cumprir seus objetivos respectivos àquele semestre:

Aqui na escola, a parte pedagógica é com registros mensais, então acho que as professoras acabam ficando muito centrados nessa parte de procurar os registros das atividades de seus alunos, ir atrás e descrever. Acredito que as professoras não se liberam para talvez explorar outras coisas, até porque temos datas para entregar, então a professora acaba só pensando naquilo lá, não tem tempo hábil para planejar outras coisas (Professora 3).

No entanto, um relato durante a entrevista da Coordenadora Pedagógica, menciona o fato de outras turmas terem tido um interesse muito grande na sala da turma dos maiores (turma E), pois esta sala, no decorrer do ano, foi se transformando por conta de projetos que envolviam a participação das crianças.

A escola tem um projeto bem interessante, que ocorre duas vezes por mês e se chama “sala aberta”. Neste dia todas as salas estão abertas e as crianças podem circular livremente escolhendo com quem irão brincar, que sala irão explorar e permanecer por um tempo. Participam todas as turmas, inclusive a turma do berçário. Percebeu-se que as crianças queriam permanecer na sala da turma E, pois nela havia

contextos que chamavam a atenção deles, como o da investigação do universo e a montagem de uma fazenda em uma caixa de areia (Coordenadora Pedagógica).

Indo mais além, a Coordenadora Pedagógica observou que, nas próprias turmas em que se desenvolveu a pesquisa, para algumas professoras, o trabalho foi mais significativo que para outras, gerando resultados imediatos nestas turmas:

Para algumas professoras, me parece que foi mais significativo pelo que eu vi, na prática, essa questão da escuta, do que as crianças estão trazendo e de dar importância para o que eles estão fazendo. Eu vi que teve um envolvimento maior a respeito das respostas das crianças, com o que as crianças foram trazendo, teve uma continuidade junto com as crianças, e até umas coisas a nível de escola que a gente vai mudar, a gente já vinha planejando e veio como confirmação do que a gente já vinha observando. Então talvez, de certo modo, já era um olhar sensível nosso em relação às crianças porque elas confirmaram o que a gente estava pensando (Coordenadora Pedagógica).

Ela explicou que algumas mudanças que vinham sendo planejadas pela escola, a partir do que já vinham observando, surgiram a partir do que as crianças manifestaram, não oralmente, mas com suas próprias atitudes. Vejamos:

A gente não chegou a perguntar “o que vocês acham”, mas foi observando os tipos de brincadeiras que os atraíam, o balanço que já não era mais suficiente, a casinha e as argolas já não eram suficientes. Elas demonstraram que queriam mais (Coordenadora Pedagógica).

O que se percebe no relato da Coordenadora Pedagógica tem relação estreita com o que Agostinho (2016) menciona sobre participação, pois foi a partir da observação e escuta que a escola definiu mudanças acerca do ambiente externo (parede de escalada), observando e escutando as crianças (mesmo que não tenham perguntado diretamente), pois a “participação se constrói no tempo, se aprende e se refina, comporta um exercício e capacidade de observação e de escuta” (Agostinho, 2016, p. 77). Além disso, as crianças se expressam pelo corpo (movimentos, gestos e expressões), e:

[...] todos esses elementos constituem-se importantes informantes do que as crianças pensam, sentem, de como agem e participam em seus contextos. Revela-se assim a importância de mantermos atenção em seu potencial revelador das formas de participação das crianças (Agostinho, 2016, p. 78).

Por fim, mas sem encerrar as possibilidades de análise das entrevistas com as professoras participantes da pesquisa desenvolvida na escola de Educação Infantil, cabe ressaltar que percebemos que a participação das crianças precisa ser uma construção conjunta entre adultos e crianças, baseada em uma relação de escuta atenta, respeito mútuo e diálogo.

Algumas professoras estão se permitindo fazer essas transformações, mas é aos pouquinhos. É recente a história da Educação Infantil e algumas coisas que a gente tem proposto agora. Acho que essa questão da participação também é nova. Repensar práticas enraizadas que vão se repetindo ano após ano para tentar inovar um pouco e realmente pensar na criança, não pensar no conteúdo, na base no que tenho que ensinar só por ensinar. O que realmente essa criança precisa saber e no que ela está interessada, essa criança é diferente daquela, olhar para as crianças na pluralidade de fato. Isso dá um pouco de trabalho, mas no primeiro momento, porque depois, tu segue as crianças (Coordenadora Pedagógica).

Possibilitar a participação infantil é um convite para que as crianças se tornem sujeitos ativos na construção de conhecimento, na transformação do mundo e na formação de si mesmas. É um convite para que sejam crianças plenas, com direito à voz e à participação em sua própria educação e no cotidiano de suas vidas na escola. Assim, se faz necessário “um modo de ser professor que ouça as crianças em tudo o que elas têm de inovador, criativo e, a partir daí, escrever novas rotinas, ou quem sabe jornadas produzidas no coletivo” (Barbosa; Horn, 2019, p. 34).

5. Considerações finais

Sabe-se que as crianças possuem saberes próprios e precisam ser valorizadas como sujeitos ativos no processo educativo. Por isso, é importante que a escola de Educação Infantil seja um ambiente acolhedor e seguro para as crianças, que permita que elas se sintam confortáveis e confiantes para explorar e aprender. As professoras devem estar atentas aos sentimentos e necessidades das crianças, e trabalhar para criar um ambiente que promova o bem-estar e o desenvolvimento integral de cada criança a partir da sua participação.

Através da categorização das entrevistas, foi possível identificar as concepções docentes acerca da participação das crianças, bem como analisar os desafios e as dificuldades enfrentadas no dia a dia para garantir, efetivamente, que as crianças possam participar daquilo que lhes dizem respeito. Neste sentido, procuramos

descrever com muito cuidado o conteúdo das mensagens contidas em cada fala das professoras entrevistadas, buscando ser fiel aos dados produzidos e assertivos em relação às informações fornecidas no presente artigo.

A partir do momento em que nos permitimos olhar por outros ângulos possivelmente poderemos problematizar estas e outras possibilidades de pensar a infância, pois é necessário promover uma transformação de paradigmas já consolidados. Acreditamos que essas contribuições realizadas no campo da infância possam nos ajudar a pensar de outro modo as ações pedagógicas na Educação Infantil. Precisam ser problematizadas as representações fabricadas socialmente sobre como pensam, como se relacionam, do que mais gostam e o que lhes deve ser ensinado. É preciso inventar novas formas de pensar sobre infâncias, criando espaços e oportunidades para que elas possam expressar suas opiniões, ideias e sentimentos, a fim de serem ouvidas e respeitadas.

Considera-se que a participação das quatro professoras nas entrevistas trouxe contribuições importantes para refletir sobre a docência na Educação Infantil, pois escutar professoras em ação, debatendo temáticas tão importantes para a educação, proporciona uma compreensão cada vez mais necessária, assim como uma conscientização “das crianças enquanto sujeitos de direitos ativos e participativos; e dos adultos, enquanto promotores da necessidade de incentivar e construir espaços onde as crianças se desenvolvam nessa perspectiva” (Soares; Tomás, 2004, p. 146). Desse modo, entende-se que é imprescindível para a construção da relação da infância junto ao contexto da Educação Infantil, as ações de escutar e acolher a voz das crianças, visto que possibilitam mapear a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. Percebeu-se, por meio desta pesquisa, que as professoras preocupam-se com o planejamento e a prática de ensino, considerando o que foi manifestado pelas crianças, seja através das fotos ou verbalmente.

Por fim, desejamos que a escuta das crianças, a partir das suas vozes e expressões, crie espaços para que elas se manifestem, além de um olhar atento para as suas necessidades e a construção de uma escola que seja “delas” e não “para” elas.

Referências

- AGOSTINHO, K. **Pensar a participação infantil nos contextos de educação infantil**. In: LASA, 2009.
- AGOSTINHO, K. A educação infantil com a participação das crianças: algumas reflexões. **Da Investigação às Práticas**, Estudos de Natureza Educacional. v. 6, n. 1, p. 69 – 86, 2016. Disponível em: <https://ojs.eselx.ipl.pt/index.php/invep/article/view/90>. Acesso em: 13 jun. 2023.
- ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BARBOSA, M. C. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: ARTMED, 2006.
- BARBOSA, M. C.; HORN, M. da G. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BARBOSA, M. C.; HORN, M. da G. A cada dia a vida na escola com as crianças pequenas nos coloca novos desafios. In: ALBUQUERQUE, S., FELIPE, J. e CORSO, J. (organizadoras). **Para pensar a docência na educação infantil**. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2019.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2012.
- BORBA, A. Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos. **Momento - Diálogos em Educação**, v. 18, n. 1, p. 35–50, 2008. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/749>. Acesso em: 20 maio. 2023.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 05 mai. 2023.
- CERISARA, A. B. Em busca do ponto de vista das crianças nas pesquisas educacionais: primeiras aproximações. In: SARMENTO, M.; CERISARA, A. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Lisboa: Asa, 2004.
- COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- FERNANDES, N. A participação infantil em foco: uma entrevista com Natália Fernandes. **Revista Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 21, n. 1, p.187-194, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/28430/pdf>. Acesso em: 13 jun. 2023.
- FREIRE, I. Cidadania da criança: escola e sociedade como palcos de participação. **EDUSER: revista de educação**, Vol. 3 n. 2, p. 17-26, 2011. Disponível em: <https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/33>. Acesso em 13 jun. 2023.
- GONSALVES, E. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.
- HORN, C. Os saberes das crianças no contexto escolar da educação infantil. In: MUNHOZ, A.et al. (Orgs.). **Diálogos na Pedagogia: coletâneas**. Lajeado: Ed. Univates, 2012. v. 3. E-book. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/15/pdf_15.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LEGAL, J. Los derechos del niño en la escuela. Una educación para la ciudadanía. Barcelona: Editorial Graó, 2006.
- MOSS, P. Introduzindo a política na creche: a educação infantil como prática democrática. **Psicologia - USP**, v. 20, n. 3., p.417 - 436. São Paulo, 20(3), 417- 436.

SACRISTÁN, J. **O aluno como invenção**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.

SARMENTO, M. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. *In*: SARMENTO, M.; CERISARA, A. (Org.). **Crianças e Miúdos**: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2003.

SARMENTO, M. Sociologia da infância: correntes e confluências. *In*: SARMENTO, M.; GOUVÊA, M. (Org.). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-39.

SARMENTO, M.; SOARES, N.; TOMÁS, C. Participação Social e Cidadania Activa das crianças. Círculos de Discussão Temática - Infância, no **IV Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire**, realizado na cidade do Porto em Portugal, durante os dias 19 e 22 de setembro de 2004. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/3842>. Acesso em: 05 mai. 2023.

SILVA, J. **O planejamento no enfoque emergente**: uma experiência no 1º Ano do Ensino Fundamental de Nove Anos. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2011.

SOARES, N.; TOMÁS, C. Da emergência da participação à necessidade de consolidação da cidadania da infância...os intrincados trilhos da acção, da participação e do protagonismo social e político da infância. *In*: SARMENTO, M.; CERISARA, A. (Org.). **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2003. 135-162.